

roesler hotel#29

reflexões sobre espaço e tempo

reflections on space and time

abraham palatnik / alicja kwade / anish Kapoor / ann veronica janssens
artur lescher / bruno dunley / camille henrot / carlito carvalhosa
claudes lévêque / dan graham / daniel buren / eduardo navarro
françois morellet / gina pane / hicham berrada / julio le parc
latifa echakhch / laura vinci / liam everett / lucia koch / marco maggi
marie bovo / mohamed bourouissa /not vital / paulo bruscky

curadoria de/curated by agnaldo farias

1 de abril - 11 de maio de 2019/april 1st - may 11, 2019
galeria nara roesler | são paulo



abraham palatnik
alicja kwade
anish Kapoor
ann veronica janssens
artur lescher
bruno dunley
camille henrot
carlito carvalhosa
claudé lévêque
dan graham
daniel buren
eduardo navarro
françois morellet
gina pane
hicham berrada
julio le parc
latifa echakhch
laura vinci
liam everett
lucia koch
marco maggi
marie bovoW
mohamed bourouissa
not vital
paulo bruscky
tatiana trouvé

As galerias **Nara Roesler** e **Kamel Mennour** apresentam *Reflexões sobre Espaço e Tempo*, 29ª edição do programa Roesler Hotel. Com obras de artistas renomados como Daniel Buren, Anish Kapoor, Alicja Kwade e Julio Le Parc, a exposição apresenta esculturas, instalações, fotografias e pinturas que nos fazem refletir sobre o conceito de espaço e a fugacidade do tempo, questionam nosso entorno imediato, mas também nos levam à autorreflexão. Os trabalhos que usam o recurso da reflexão são o fio condutor da exposição, que também se desdobra para outras técnicas complexas.

Roesler Hotel é um projeto criado pela **Galeria Nara Roesler** em 2002, que fomenta o diálogo entre as comunidades de arte nacional e internacional ao convidar curadores e artistas à experimentação dentro do espaço da galeria.

Nara Roesler and **Kamel Mennour** galleries presents *Reflections on Space and Time*, the 29th edition of Roesler Hotel. With works by renowned artists such as Daniel Buren, Anish Kapoor, Alicja Kwade and Julio Le Parc, the show features sculptures, installations and paintings that make us reflect on the concept of space and the fugacity of time, interrogate on our immediate surroundings, but also drift on self-reflection. The works that use the resource of reflections are the conducting wire of the exhibition, which also unfolds to other complex techniques.

Roesler Hotel is a project created by the gallery in 2002 that fosters dialogues between the national and international art communities by inviting curators and artists to experiment within the gallery space.

abraham palatnik

Nasceu em 1928, Natal, Brasil | Vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil.

Born 1928 in Natal, Brazil | Lives and works in Rio de Janeiro, Brazil.

Abraham Palatnik é figura seminal da arte ótica e cinética no Brasil. As investigações do artista sobre tecnologia, movimento e luz conduziram a um desenvolvimento inovador no estudo sobre fenômenos visuais no país. Criou em 1949 seu primeiro *Aparelho cinecromático*, peça por meio da qual procurou reinventar a pintura, empregando jogos de luz para criar imagens caleidoscópicas. Suas séries posteriores, *Progressões* e *Relevos*, apresentam igualmente efeitos ópticos hipnóticos, remetendo ao movimento de ondas irregulares. O trabalho de Palatnik esteve presente em oito edições da Bienal de São Paulo (1951-1969), bem como na 32ª La Biennale di Venezia (1964).

Abraham Palatnik is a seminal figure in Kinetic and Op Art in Brazil. The artist's investigation into technology, mobility, and light led to groundbreaking developments in the study of visual phenomena in the country. In 1949, he created the first *Aparelho cinecromático* [Kinechromatic Device], a piece that sought to reinvent painting by employing light play to create kaleidoscopic images. Palatnik's later iconic series, *Progressões* [Progressions] and *Relevos* [Reliefs], similarly illustrate the hypnotic optical effects, which are reminiscent of the motion of unruly waves. Palatnik's work has been included in eight editions of the Bienal de São Paulo (1951-1969), as well as in the 32nd Biennale di Venezia (1964).

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Royal Museums of Fine Arts of Belgium, Brussels, Belgium

The Adolpho Leirner Collection of Brazilian Constructive Art, Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston/TX, USA

The Museum of Modern Art (MoMA), New York/NY, USA

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

Sesc Pinheiros, São Paulo/SP, Brazil, 2018

Garage Museum of Contemporary Art, Moscow, Russia, 2018

Museum of Modern Art in Warsaw, Warsaw, Poland, 2017-18

The Metropolitan Museum of Art (The Met Breuer), New York/NY, USA, 2017-18

Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs/CA, USA, 2017-18

Abraham Palatnik

Objeto Cinético/Kinetic object, 2006/2018

madeira, fórmica, metal, acrílico, ímãs e motor/wood, formica, metal, acrylic, magnets and engine

205 x 226 x 40 cm/80.7 x 89 x 15.7 in



anish Kapoor

Nasceu em 1954, Mumbai, Índia | Vive e trabalha em Londres, Reino Unido.

Born in 1954 in Mumbai, India | Lives and works in London, UK.

“É nisso que estou interessado: o vazio, quando ele não é um buraco, é um espaço cheio do que não está lá.” Considerado o maior escultor britânico desde Henry Moore, Anish Kapoor tem ganhado grande projeção no cenário da arte contemporânea internacional. Entre suas criações estão algumas das esculturas públicas contemporâneas mais reconhecidas do mundo, caso de *Cloud Gate*, instalada no Millennium Park de Chicago (EUA). Suas obras exploram o limite entre arte e arquitetura, navegando entre as características que definem cada uma delas e apropriando-se de ambas. Com seu uso icônico de espelhos, Anish Kapoor também explora ideias de vazio, espaço e luz. Juntos, eles criam um relacionamento único com o espectador e, mais importante, com o corpo, que ao ser refletido se torna parte do trabalho.

“That’s what I am interested in: the void, the moment when it isn’t a hole, it is a space full of what isn’t there.” Having been named the greatest British sculptor since Henry Moore, Anish Kapoor has gained great eminence in the international contemporary art scene. He has created a number of the world’s most recognizable contemporary public sculptures, including *Cloud Gate* in Chicago’s Millennium Park. His works claim a liminal space between art and architecture by navigating between the characteristics that define each and appropriating some of both. With his iconic use of mirrors, Anish Kapoor also explores ideas of emptiness, space and light. Together, these create a unique relationship with the viewer and most importantly, with the body, which in being reflected becomes part of the work.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Art Institute of Chicago, Chicago, IL, USA

Carnegie Museum of Art, Pittsburgh, PA, USA

Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington, DC, USA

Museum of Modern Art, New York, NY, USA

Tate Collection, London, UK

The Guggenheim Museum, New York, NY, USA

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

Beppu Park, Oita, Japan, 2018

Public Art Fund, Brooklyn Bridge Park Pier 1, New York, USA, 2017

Gladstone Gallery, New York, USA, 2016

Anish Kapoor

Split (Oriental Blue to Burple), 2017

aço inox e laca/stainless steel and lacquer

88x 88 cm/34.6 x 34.6 in



© ADAGP Anish Kapoor 2018. Courtesy the artist and kamel mennour, Paris/London



Anish Kapoor
Mirror (Pagan Gold / Magenta Apple Mix 2), 2018
aço inox e laca/stainless steel and lacquer
102 x 102 cm (cada)/40,2 x 40,2 in (each)

alicja kwade

Nasceu em 1979, Katowice, Polônia | Vive e trabalha em Berlim, Alemanha.

Born in 1979 in Katowice, Poland | Lives and works in Berlin, Germany.

“Sou fascinada pela fronteira entre a ciência e a dúvida. Todos os meandros”. Essa frase resume a busca empreendida por Alicja Kwade. O que a intriga é compreender como o corpo habita o espaço e o tempo e ela busca fazê-lo por meio de obras multimídia que manipulam as percepções mentais e experiências físicas, dispondo objetos em composições aparentemente confusas. Ao enfatizar a sensação de incoerência, Kwade revela e procura eliminar as convenções sociais mais profundas.

“I’m fascinated with the borders between science and suspicion. All the in-betweens.” This sentence captures Alicja Kwade’s driving quest. The artist is fascinated with understanding how the body inhabits space and time. She attempts to do so through mixed-media works that manipulate mental perceptions and physical experiences, placing objects in a seemingly confounding composition. By highlighting the sense of incoherence, Kwade unveils society’s deep-rooted conventions and seeks to uproot them.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Centre Pompidou, Paris, France

Fondazione Sandretto Re Rebaudengo, Torino, Italy

Zabludowicz Collection, London, UK

Reykjavik Art Museum, Iceland

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

Roof Garden Commission, The Metropolitan Museum of Art, New York, USA, 2019

Centre de Création Contemporaine Olivier Debré, Tours, France, 2019

Neuer Berliner Kunstverein, Berlin, Germany, 2018

König Galerie, Berlin, Germany, 2017

kamel mennour, London, UK, 2017

Whitechapel Gallery, London, UK, 2016

Alicja Kwade

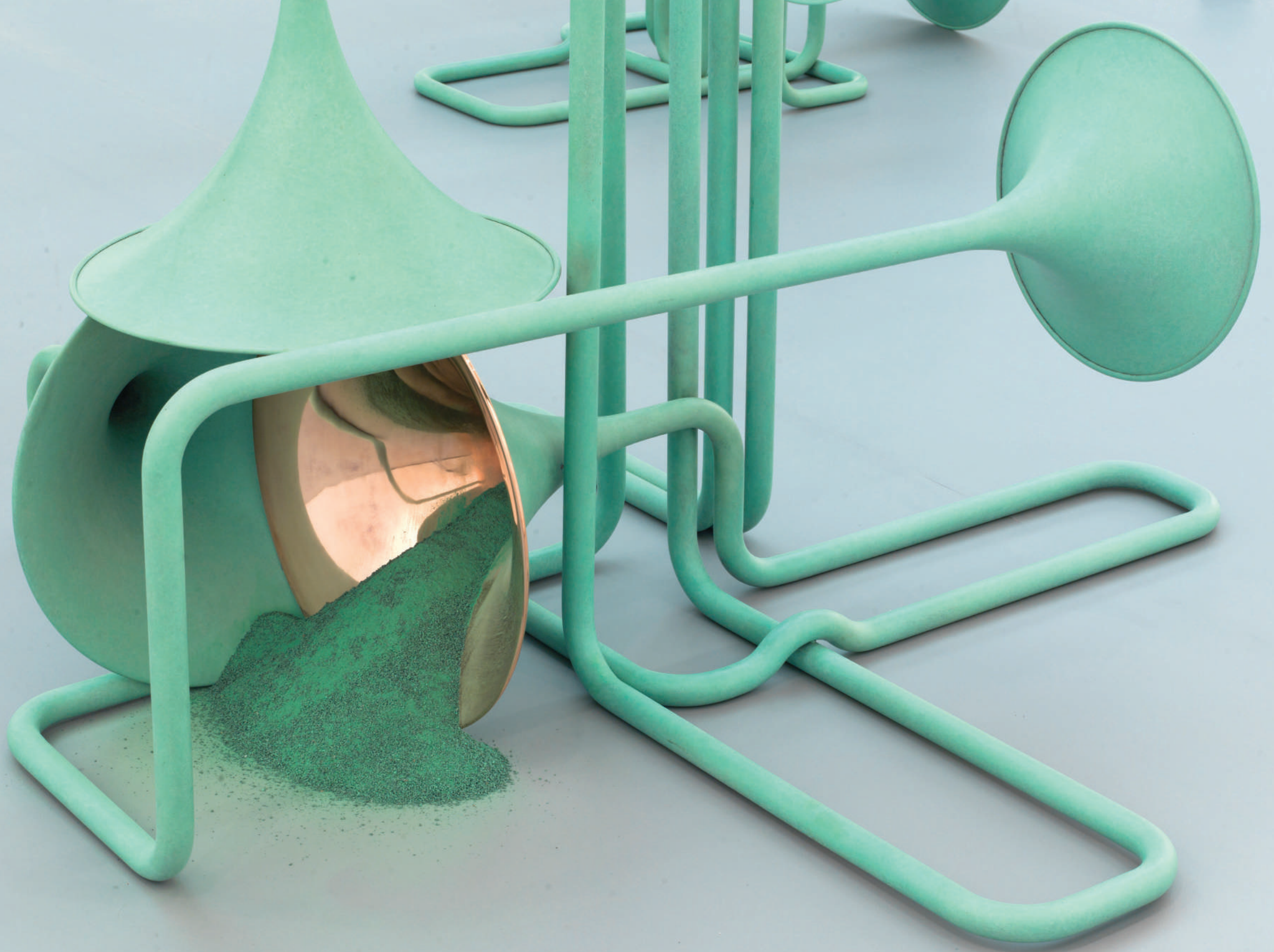
Hypothetisches Gebilde, 2018

cobre, cobre patinado, malaquita/copper, patinated copper, malachite

241,8 x 218,2 x 151,8 cm/95.2 x 85.9 x 59.8 in

© Alicja Kwade. Courtesy the artist and kamel mennour, Paris/London





ann veronica janssens

Nasceu em 1956, Folkestone, Inglaterra | Vive e trabalha em Bruxelas, Bélgica.

Born in 1956 in Folkestone, England | Lives and works in Brussels, Belgium.

Ann Veronica Janssens cria instalações *in situ* com materiais simples, como vidro ou cimento, e ferramentas imateriais, como luz e som. Há diversos anos, a artista realiza experimentos com a elasticidade do corpo quando confrontado com elementos físicos e químicos. Em parceria com Nathalie Ergino, Ann Veronica empreendeu uma pesquisa transdisciplinar numa tentativa de compreender a relação entre espaço, tempo, corpo e cérebro para além das dualidades tradicionalmente usadas para explicá-los, ou seja, objetividade/subjetividade, consciente/inconsciente, materialidade/imaterialidade. Para tanto, criou diversas esculturas e instalações minimalistas compostas primariamente de ar ou nada, como modo de colocar o vazio em movimento.

Ann Veronica Janssens has focused her work on in situ installations using simple materials such as glass or cement, as well as immaterial tools such as light and sound. For many years now, she has experimented with the elasticity of the body when it is confronted with different physical and chemical elements. Along with Nathalie Ergino, she engaged in a transdisciplinary research that attempted to understand the relationship between space, time, body and brain beyond the traditional dualities used to explain them, that is, objectivity/subjectivity, conscious/unconscious, materiality/immateriality. With this in mind, she created many minimalist pieces, whether sculptures or installations, that were made mostly of air, of nothingness, as a means to put the empty into motion.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Nasher Sculpture Center, Dallas, Texas

Musée d'art modern, Brussels, Belgium

Museum of Modern Art, Antwerp, Belgium

Centre Pompidou, Paris, France

S.M.A.K, Ghent, Belgium

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

Musée de l'Orangerie, Paris, France, 2019 (upcoming)

De Pont Museum of Contemporary Art, Tilburg, Netherlands, 2018

Baltimore Museum of Art, Baltimore, USA, 2018

Nasher Sculpture Center, Dallas, USA, 2016

S.M.A.K., Municipal Museum of Contemporary Art, Ghent, Belgium, 2015

Ann Veronica Janssens

Sem título/Untitled, 2013

latão/brass

85 x 85 x 2,5 cm/33.5 x 33.5 x 1 in



© ADAGP Ann Veronica Janssens. Photo. archives kamel mennour. Courtesy the artist and kamel mennour, Paris/London

artur lescher

Nasceu em 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha.

Born 1962 in São Paulo, Brazil, where he lives and works.

Artur Lescher investiga as qualidades tangíveis da escultura e sua interação com a arquitetura. O artista cria peças de um único volume, projetadas para serem suspensas, estando sujeitas à gravidade. O resultado é o estabelecimento de uma tensão única entre as proporções esculturais e o espaço ao redor. Lescher tornou-se amplamente reconhecido por sua participação na 19ª Bienal de São Paulo (1987).

Artur Lescher investigates the tangible qualities of sculpture and its interaction with architecture. The artist creates single volume pieces, which are designed to be suspended and yet pulled in by gravity. As a result, a unique tension between the sculptural proportions and the surrounding space is created. Lescher became widely recognized for his participation in the 19th Bienal de São Paulo (1987).

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina

Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston/TX, USA

Philadelphia Museum of Art, Philadelphia/PA, USA

Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo/SP, Brazil

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo/SP, Brazil, 2019

Palais d'Iéna, Paris, France, 2018

Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba/PR, Brazil, 2018

Palais d'Iéna, Paris, France, 2017

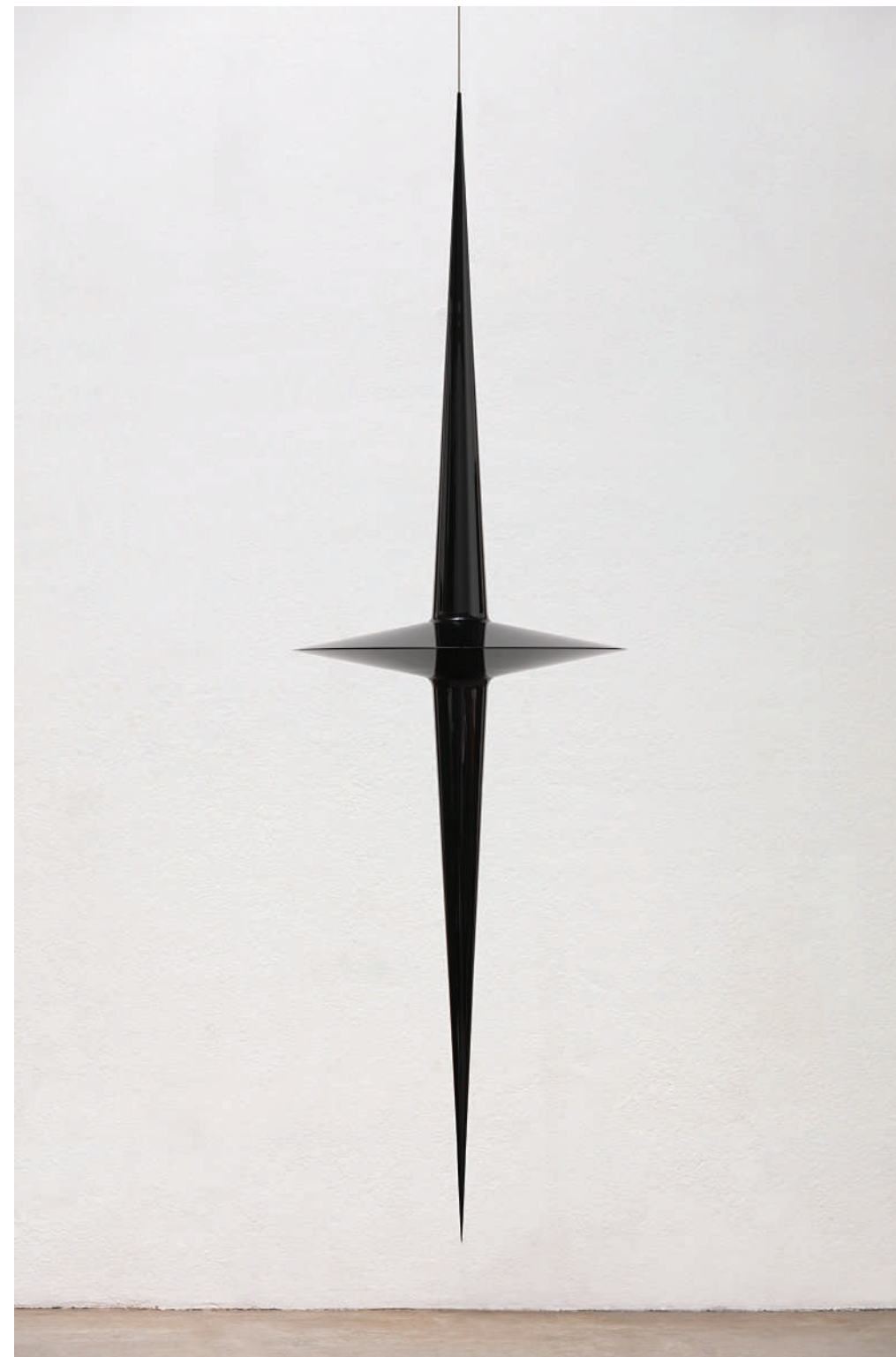
Phoenix Art Museum, Phoenix/AZ, USA, 2017

Artur Lescher

Cardenal # 02, 2017

alumínio com pintura automotiva preta/aluminum with black automotive paint

220 x ø 60cm/86.6 x ø 23.6 in





bruno dunley

Nasceu em 1984, Petrópolis, Brasil | Vive e trabalha em São Paulo, Brasil
Born in 1984 in Petrópolis, Brazil | Lives and works in São Paulo, Brazil.

Bruno Dunley é parte de uma jovem geração de pintores que se destacou no cenário artístico brasileiro no começo dos anos 2000. Suas obras estão baseadas na cultura visual contemporânea e na história da arte e investigam a natureza da pintura, na qual conceitos como gesto, plano, superfície e representação são entendidos como um vocabulário. Os trabalhos de Dunley exploram as possibilidades da pintura no mundo contemporâneo.

Bruno Dunley is part of a young generation of painters who came to prominence in the Brazilian art scene in the early 2000s. His works appropriate contemporary visual culture and art history and investigates the nature of painting, in which concepts such as gesture, plane, surface, and representation are understood as a vocabulary. Dunley's work explores painting's possibilities in the contemporary world.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brazil

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brazil

Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

Museu da República, Rio de Janeiro, Brazil, 2018

33rd Bienal Internacional de São Paulo, Pavilhão Cicillo Matarazzo, São Paulo, Brazil, 2018

Park – platform for visual arts, Tilburg, The Netherlands, 2017

The Fireplace Project, East Hampton, New York City, USA, 2017

Bruno Dunley

Lipstick, 2019

tinta óleo e pasta de alumínio sobre tela

/oil paint and aluminum paste on canvas

100 x 80 cm/39.4 x 31.5 in



camille henrot

Nasceu em 1978, Paris, França | Vive e trabalha em Paris, França e Nova York, EUA.

Born in 1978 in Paris, France | Lives and works in Paris, France, and New York, USA.

Camille Henrot atua como artista e antropóloga, investigando as tentativas da sociedade de sistematizar a vida e o conhecimento e, talvez mais importante, apontando os limites dessas tentativas. Ao revelar essas deficiências, Camille também analisa as origens dos mitos sociais e as formas pelas quais as sistematizações definem nossa compreensão do mundo. Seus esforços se materializam em obras de escopo enciclopédico, inspiradas em temas variados como literatura, mitologia, cinema, antropologia, biologia evolutiva, religião e a banalidade da vida cotidiana. Foi ganhadora do Prêmio Nam June Paik em 2014 e do Prêmio Edvard Munch em 2015.

Camille Henrot intertwines the roles of artist and anthropologist. She explores how society attempts to systemize life and knowledge, and perhaps most importantly, denounces the limits of our approach. In unveiling its' inadequacy, Camille Henrot also examines the origins of social myths and how systemizations define the way we understand the world. Her endeavour materializes in works that are encyclopedic in scope taking inspiration from subjects as varied as literature, mythology, cinema, anthropology, evolutionary biology, religion and the banality of everyday life. She is the recipient of the 2014 Nam June Paik Award and the Edvard Munch Art Award 2015.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Centre Georges Pompidou, Paris, France

Museum of Contemporary Art Chicago, Chicago, IL, USA

Pomeranz Collection, Vienna, Austria

Solomon R. Guggenheim Museum, New York City, NY, USA

The Museum of Modern Art (MoMA), New York City, NY, USA

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

Tokyo Opera City Art Gallery, Japan, 2019

National Gallery of Victoria, Melbourne, Australia, 2019

Carte blanche at the Palais de Tokyo, Paris, France, 2018

Kunsthalle Vienna, Austria, 2018

Albright Knox Gallery, Buffalo, New York, USA, 2016

Camille Henrot

The Inverted Narcissist, 2017

aquelela sobre papel sobre dibond/watercolor on paper mounted on Dibond

76,2 x 55,9 cm/30 x 22 in

© ADAGP Camille Henrot. Photo. archives kamel mennour. Courtesy the artist and kamel mennour, Paris/London



carlito carvalhosa

Nasceu em 1961, São Paulo, Brazil | Vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil.

Born in 1961 in São Paulo, Brazil | Lives and works in Rio de Janeiro, Brasil.

Carlito Carvalhosa destacou-se no cenário artístico brasileiro em meados dos anos 1980 como membro do Grupo Casa 7, num período em que produziu grandes pinturas com ênfase no gesto pictórico. Por mais de vinte anos, o artista tem usado uma variedade de meios e diversos tipos de elementos – incluindo cera, madeira, espelhos, TNTs, lâmpadas fluorescentes etc. – para investigar o espaço arquitetônico, a natureza dos materiais em formas abstratas e a recepção do espectador em contato com a obra. Sua produção atual retoma suas primeiras experiências com cera de abelha e pigmentos diversos entre fins de 1980 e inícios de 1990, resultando em obras marcadas pela ambiguidade e que colocam em questão o senso comum sobre noções de superfície/volume, transparência/opacidade ou natural/artificial.

Carlito Carvalhosa appeared in the Brazilian art scene in the 1980s, as a member of the collective Grupo Casa 7, a period in which he produced large paintings with an emphasis on the pictorial gesture. For more than twenty years the artist has been using various means and several types of objects – including wax, wood, mirrors, TNTs, fluorescent lamps etc.– to investigate the architectural space, the nature of materials in abstract forms, and the reception of the spectator in contact with them. His recent works return to his first experiments with beeswax and pigments in the late 1980s and early 1990s, resulting in multi-panel compositions which question notions of surface/volume, transparency/opacity or natural/artificial.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO), Miami/FL, USA

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro/RJ, Brazil

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo/SP, Brazil

Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo/SP, Brazil

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo/SP, Brazil, 2018

Beijing Minsheng Art Museum, Beijing, China, 2017-2018

Centro Cultural Fiesp, São Paulo/SP, Brazil, 2017-18

Phoenix Art Museum, Phoenix/AZ, USA, 2017

Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo/SP, Brazil, 2016-17

Carlito Carvalhosa

Sem título (P41/17)/Untitled (P41/17), 2017

óleo sobre alumínio espelhado/oil on aluminium

122 x 80 cm/48 x 31.5 in



claude lévêque

Nasceu em 1953, Nevers, França | Vive e trabalha em Montreuil and Pèteloup, França.

Born in 1953 in Nevers, France | Lives and works in Montreuil and Pèteloup, France.

Claude Lévêque define sua abordagem artística como tradicional, o qual define como um meio de contemplar e refletir sobre a sociedade. Os temas e materiais que utiliza em seus trabalhos, no entanto, são emblemáticos da arte contemporânea. O artista utiliza neon, escrita e sons para expressar sua percepção de nossa época, que denuncia como injusta e violenta. Sua obra retrata suas experiências no mundo que o cerca no presente, porém, também traz o peso de suas experiências da infância. Trabalhando com traços de suas impressões e sensações, Lévêque alude a lembranças traumáticas, nostalgia, desejo, repulsa e destruição, numa escrita trêmula que evoca nossa vulnerabilidade às condições dos dias de hoje, em frases pessimistas.

Claude Lévêque considers himself to have a traditional approach to art, which he defines as a means to contemplate and reflect upon society. The themes and materials he works with however, are emblematic of contemporary art. He uses neon, writings and sounds to convey his perception of our time, which he denounces as unfair and violent. His oeuvre conveys his experience of the world that surrounds him today while also working with the weight of his childhood experiences. Working off the trace of his impressions and sensations, he alludes to traumatised memories, nostalgia, desire, repulsion and destruction in a trembling, sickly writing that evokes our vulnerability in today's conditions writing dark sentences.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Centre Georges Pompidou, Paris, France

Collection Lambert, le Grottone, Villa Médicis, Rome, Italy

Fonds Régional d'Art Contemporain Poitou-Charentes, Angoulême, France

Musée d'Art contemporain du Val-de-Marne (MAC VAL), Paris, France

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

kamel mennour, London, UK, 2019

Opera de Paris, France, 2019

Frac PACA, Marseille, France, 2018

Le Louvre, Paris, France, 2014

Claude Lèveque

Face, 2018

neon azul e tinta óleo sobre tela/blue neon, oil on canvas

61 x 55,5 cm/24 x 21.9 in

© ADAGP Claude Lévêque. Photo. archives kamel mennour. Courtesy the artist and kamel mennour, Paris/London





Claude Lèveque

Face, 2018

porta traseira do Citroen Dyane, néon vermelho/cack car door of Citroën Dyane, red neon

98 x 98 cm/38.6 x 38.6 in

© ADAGP Claude Lèveque. Photo. archives kamel mennour. Courtesy the artist and kamel mennour, Paris/London

dan graham

Nasceu em 1942, Urbana, EUA | Vive e trabalha em Nova York, EUA.

Born in 1942 in Urbana, USA. | Lives and works in New York, USA.

Dan Graham é um dos principais expoentes da arte conceitual ainda vivo e em atividade, amplamente reconhecido por uma consistente produção intelectual e artística que, desde o princípio de sua carreira em meados da década de 1960, se baseia no diálogo entre arte e arquitetura e no debate sobre as relações entre obra de arte, espaço urbano e público no contexto da cultura de massas. No final da década de 1970, começa a realizar sua famosa série *Pavilion*, composta por estruturas formadas, em especial, por vidro espelhado. No intermédio entre arquitetura, escultura e site-specific, estes pavilhões, normalmente constituídos em formas simples (geométricas ou curvilíneas), apresentam em sua superfície uma sobreposição de reflexos distorcidos do espaço ao redor, combinando interior e exterior e, conseqüentemente, desorientando a percepção do público.

Dan Graham is a trailblazing conceptual artist. Still living and working, Graham is widely acclaimed for his consistent intellectual and artistic output since his career began in the mid-1960s. His work deals with the interplay of art and architecture and discusses the connections between artwork, urban space, and audience in the realm of mass culture. In the late 1970s, he started his famed *Pavilion* series, featuring structures made mostly of mirrored glass. Straddling the line between architecture, sculpture, and site-specific art, often built from simple shapes (geometric or curved), their surfaces display a superimposition of distorted reflections of surrounding space, combining inner and the outer perspectives to disorient the audience's perception.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Inhotim Centro de Arte Contemporânea, Brumadinho, Brazil

Los Angeles County Museum of Art (LACMA), Los Angeles, USA

Musée d'Art Contemporain, Lyon, France

Tate Gallery, London, UK

The Museum of Modern Art (MoMA), New York City, USA

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

Fundación Jumex Arte Contemporáneo, Mexico City, Mexico, 2018

Sirius Arts Centre, County Cork, Ireland, 2018

Red Brick Art Museum, Beijing, China, 2017

Zagreb Museum of Contemporary Art, Zagreb, Croatia

Dan Graham

Sem título/Untitled, 2016

vidro espelhado de 2 faces, MDF e alumínio/2-way mirror glass, aluminium, MDF and acrylic

42 x 107 x 125 cm/16.5 x 42.1 x 49.2 in



daniel buren

Nasceu em 1938, Boulogne-Billancourt, França | Vive e trabalha em Boulogne-Billancourt, França.
Born 1938 in Boulogne-Billancourt, France | Lives and works in Boulogne-Billancourt, France.

Daniel Buren é uma figura proeminente na arte conceitual desde o início dos anos 1960, quando desenvolveu o que chamou de “grau zero da pintura”, uma forma de arte que abandonou as práticas tradicionais e adotou uma estética rigorosa, baseada exclusivamente em listras verticais. As obras *site-specific* de Buren estão instaladas permanentemente em todo o mundo, em locais como o Palais Royal em Paris, onde realizou *Les Deux Plateau* (1985-86). Em seus trabalhos recentes, o artista explora os efeitos de profundidade, superfície e reflexão por meio de esculturas instalativas. O trabalho do artista foi exibido em várias edições da Bienal de Veneza e representou a França na 42ª edição do evento (1986), no qual recebeu o Leão de Ouro.

Daniel Buren has made remarkable contributions to conceptual art since the early 1960s when he developed what he called a “degree zero of painting,” an art form that abandoned traditional practices and adopted a rigorous aesthetic based exclusively on vertical stripes. Buren’s site-specific installations are permanently installed around the world in locations such as the Palais Royal in Paris, where he famously realized *Les Deux Plateau* (1985-86). Recently, the artist has explored depth, surface, and reflection through his sculptural installations. The artist’s work has been displayed in several editions of La Biennale di Venezia and represented France at the 42nd edition of the Biennale (1986), where he was awarded the Golden Lion.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Moderna Museet, Stockholm, Sweden

Musée national d’Art moderne (MNAM), Centre Pompidou, Paris, France

National Museum of Modern Art, Tokyo, Japan

Tate Modern, London, UK

The Museum of Modern Art (MoMA), New York/NY, USA

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

Schwartz Carriageworks, Sydney, Australia, 2018

Centre Pompidou-Málaga, Málaga, Spain, 2017-18

Museo de Arte Moderno de Bogotá (MAMBO), Bogotá, Colombia, 2017-18

Foundation Louis Vuitton, Paris, France, 2016-17

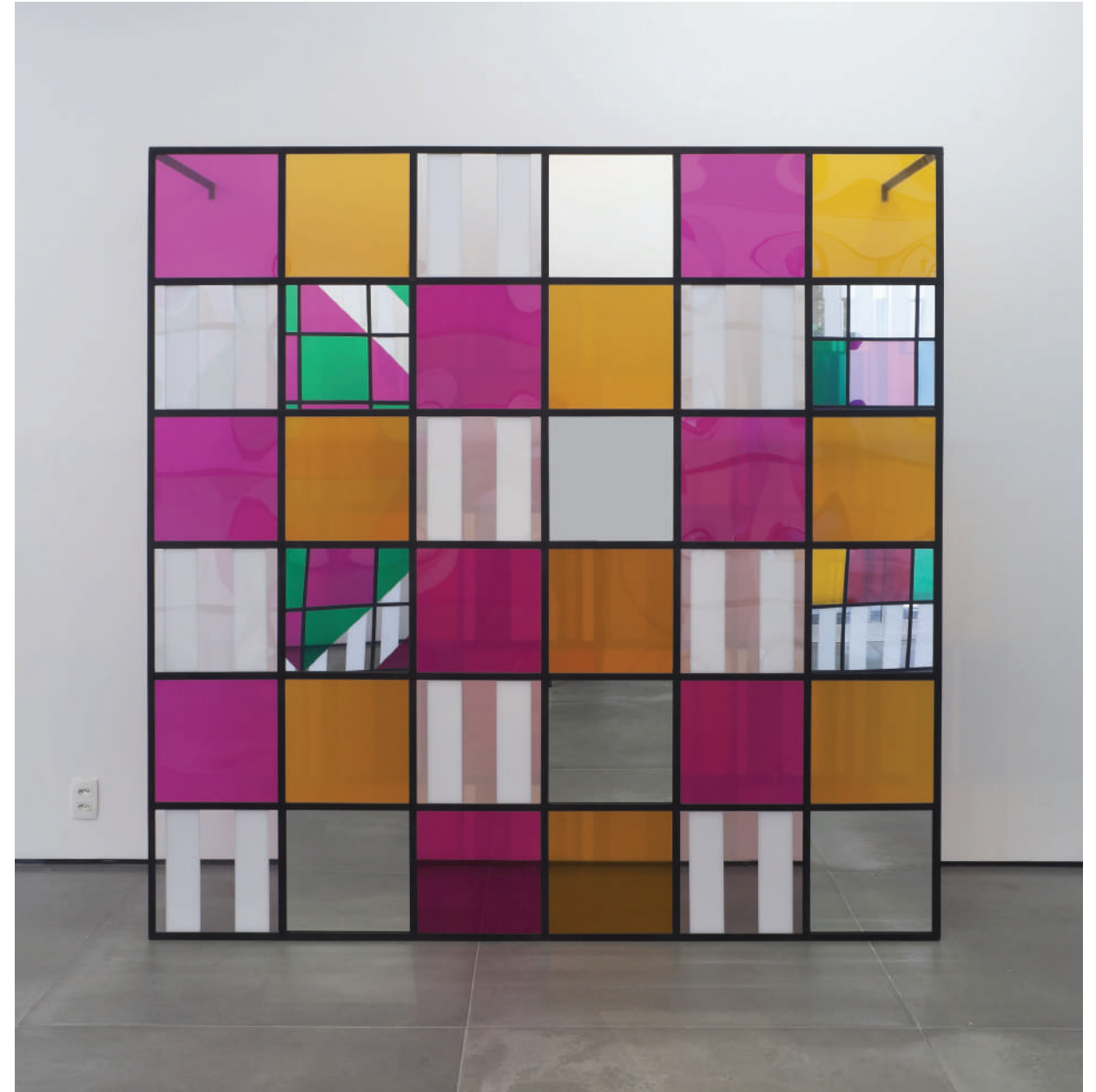
Daniel Buren

Photo-souvenir: Cores, luz, projeção, sombras, transparência: obras in situ 6

/Photo-souvenir: Colors, light, projection, shadows, transparency: works in situ 6, 2015

estrutura metálica, vinil adesivado, acrílico e espelho/metal structure, vinyl, acrylic and mirror

200 x 200 x 50 cm/78.7 x 78.7 x 19.7 in





eduardo navarro

Nasceu em 1979, Buenos Aires, Argentina, onde vive e trabalha.

Born 1979 in Buenos Aires, Argentina, where he lives and works.

Eduardo Navarro acredita que a arte pode produzir novas possibilidades de perceber o mundo ao nosso redor, de modo que sua obra confronta uma diversidade de organismos que são estudados empírica e sensorialmente. Ao realizar essas abordagens, o artista recorre a vários especialistas de áreas alheias ao mundo da arte com a intenção de alterar crenças e comportamentos preestabelecidos. Cada projeto é um novo estudo de caso que lhe permite investigar novas formas de pensar e expressões estranhas à percepção humana, na tentativa de entender como outros organismos e elementos naturais sentem e percebem. No caso de *Letters to Earth* (2017), o elemento de investigação é a própria natureza do tempo.

Eduardo Navarro believes that art can produce new possibilities of perceiving the world around us. In his oeuvre, he confronts a diversity of organisms, studying them empirically and sensorially. In carrying out these approaches, Navarro resorts to various specialists from areas outside the art world with the intention of altering presupposed beliefs and behaviors. For the artist, each project is a new case study that allows him to investigate new ways of thinking and expressions foreign to human perception, in an attempt to understand how other organisms and natural elements feel and perceive. In the specific case of *Letters to Earth* (2017), the Navarro investigates the nature of time.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Museo de Arte Moderno de Buenos Aires (MAMBA), Buenos Aires, Argentina

Sharjah Art Foundation, Sharjah, UAE

Thyssen-Bornemisza Art Contemporary (TBA21-Academy), Vienna, Austria

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

SITE Santa Fe – Santa Fe International Biennial, Santa Fe/NM, USA, 2018-19

Castello di Rivoli Museo d'Arte Contemporanea, Turin, Italy, 2018

The Drawing Center, New York/NY, USA, 2018

KölnSkulptur #9, Skulpturen Park Köln, Cologne/NW, Germany, 2017-19

Der TANK, Art Institute – FHNW Academy of Art and Design, Basel, Switzerland, 2017

Eduardo Navarro

Letters to Earth # 6, 2017

100 cascas de nozes feitas de bronze e noz encapsulada, contrato

/100 nutshells made of bronze and encapsulated nutmeat and contract

100 peças de 5 x 4 x 4 cm (cada)/100 pieces with 2 x 1,6 x 1,6 in (each)



françois morellet

Nasceu em 1926, Cholet, França | Faleceu em 2016, Cholet, França.

Born in 1926 in Cholet, France. | Deceased in 2016 in Cholet, France.

Em 1960, Morellet fundou o Groupe de Recherche d'Art Visuel (GRAV) ao lado dos artistas Julio Le Parc, Jean-Pierre Yvaral, Francisco Sobrino e Horacio Garcia Rossi que desenvolveram a "pintura experimental programada". Seu fazer artístico buscava envolver ativamente o espectador com instalações imersivas e multissensoriais. Nas palavras do próprio artista, "Gostávamos, em particular, de qualquer coisa que fosse capaz de produzir movimento ou luz". Tendo isso em mente, Morellet começou a trabalhar com neon, que reunia linhas, luz e, ao piscar, movimento. Seguindo o mesmo raciocínio, suas obras sobre tela buscavam meios pelos quais a imagem pudesse ultrapassar os limites da tela, empregando composições geométricas e cores contrastantes.

In 1960, Morellet founded the Groupe de Recherche d'Art Visuel (GRAV) with fellow artists Julio Le Parc, Jean-Pierre Yvaral, Francisco Sobrino, and Horacio Garcia Rossi, in which they developed a form of art-making which sought to actively engage the viewer through immersive, multi-sensory installations. In his own words, "We were passionate about modern materials that hadn't yet been 'polluted' by traditional art. We particularly liked anything that could produce movement or light." With this in mind, Morellet began to work with neon as it combined line, light, and, when blinking, movement. His works on canvas searched for ways in which the image could reach beyond the boundaries of the canvas using geometric compositions and contrasting colours.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Centre Georges Pompidou, Paris, France

Fondation Louis Vuitton, Paris, France

LACMA–Los Angeles Museum of Art, Los Angeles, USA

The Museum of Modern Art, New York, USA

Tate, London, England

Le Louvre, Paris, France

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

Lévy Gorvy, New York, USA 2018

Dia: Beacon and Dia:Chelsea, New York, USA 2017

Blain|Southern Gallery, Berlin, Germany, 2016

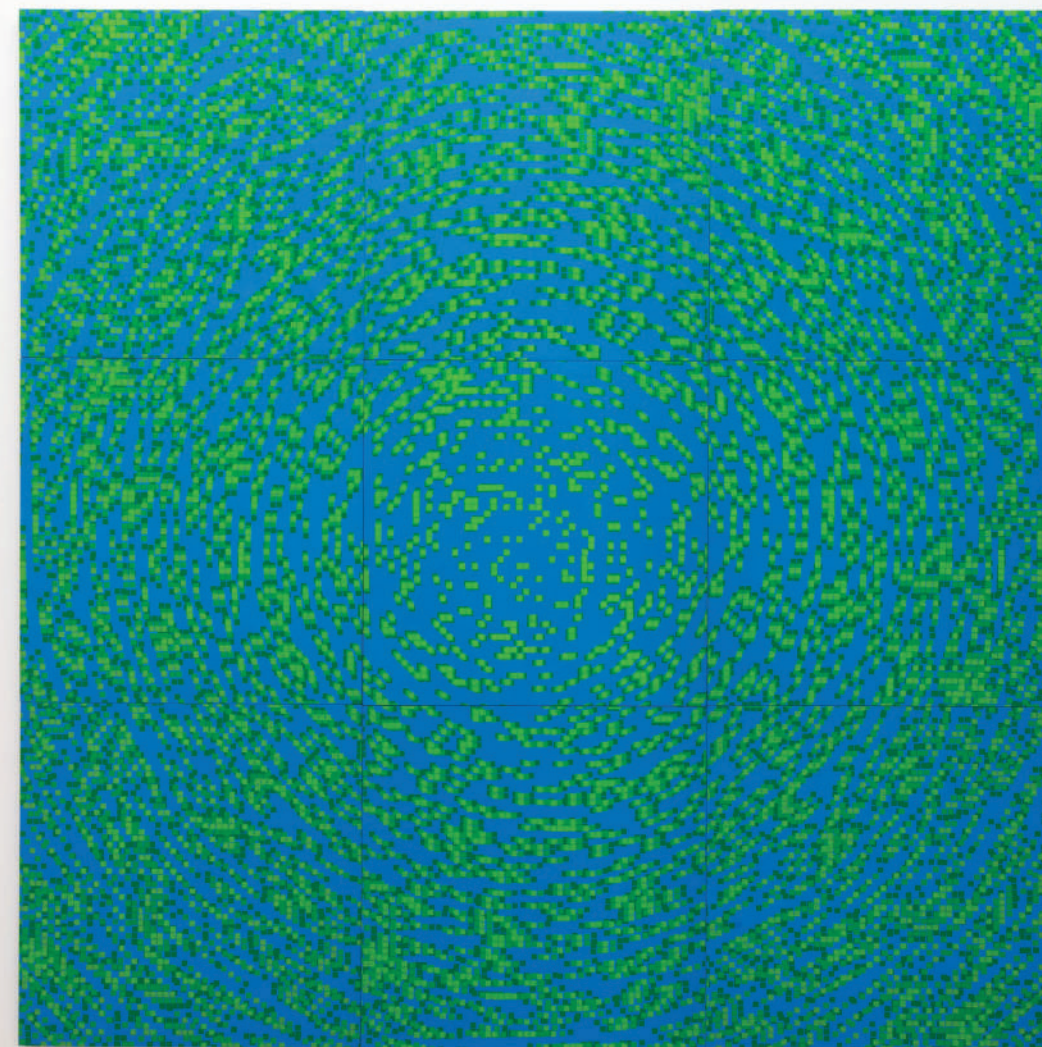
François Morellet

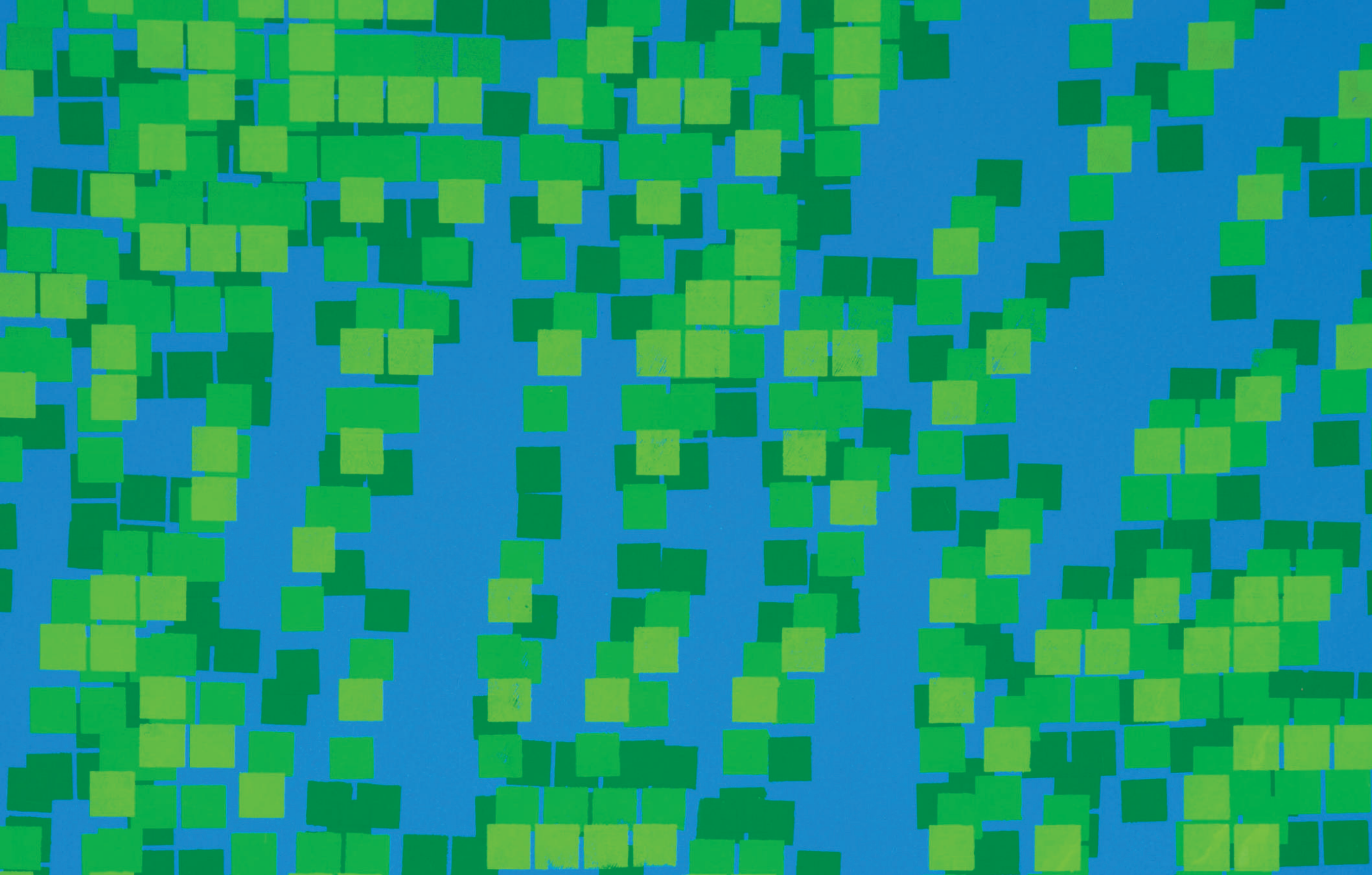
Répartition aléatoire de 20% de carrés, 1970

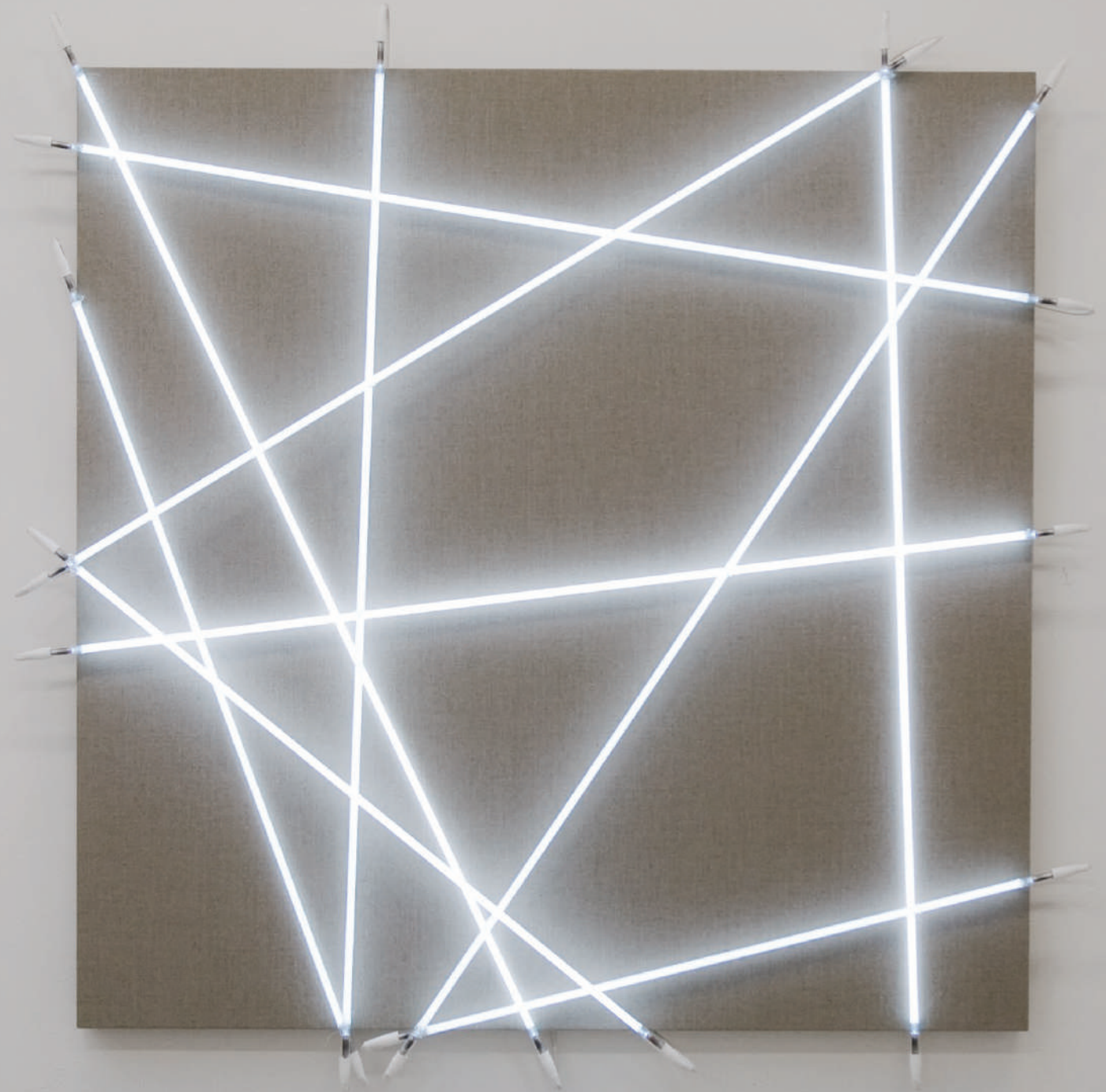
serigrafia sobre madeira/silkscreen paint on wood

240 x 240 cm/94.5 x 94.5 in

© ADAGP François Morellet. Photo. archives kamel mennour. Courtesy Studio Morellet; kamel mennour, Paris/London







François Morellet

10 tubes de néon au hasard n°8, 2009

10 tubos brancos de néon sobre linho sobre painel de madeira

/10 white neons on linen on wooden panel

150 x 150 cm/59.1 x 59.1 in

© ADAGP François Morellet. Photo. archives kamel mennour. Courtesy Studio Morellet; kamel mennour, Paris/London

hicham berrada

Nasceu em 1986 em Casablanca, Marrocos | Vive e trabalha em Paris, França.

Born in 1986 in Casablanca, Morocco | Lives and works in Paris, France.

Hicham Berrada cria obras baseadas em métodos científicos executados com propósitos artísticos, mesclando ciência e performance para dar vida a cenários aparentemente ficcionais. O artista mistura substâncias químicas diversas num recipiente para obter uma reação específica que replica processos e condições naturais. Em termos mais específicos, Berrada realiza uma rotina química para alterar matérias e objetos segundo sua vontade. Essas transformações são filmadas e projetadas em telas, convidando o espectador a adentrar um espaço de cores e formas fascinantes. Muitos desses experimentos exercem um efeito estabilizador em organismos vivos ou ambientes, gerando naturezas-mortas reais, embora obtidas quimicamente.

Hicham Berrada creates works that are rooted in scientific methods and are executed with artistic purposes, combining science and performance to give rise to seemingly fictional sceneries. Indeed, he combines various chemicals in a container to achieve a specific reaction that imitates natural processes and conditions. As such, he designs a chemical routine, which alters matters and objects according to the artist's desire. These transformations, are filmed and projected on-screen, inviting the viewer into a space of fascinating colors and shapes. Often times, these experiments have a setting effect on living organisms or environments creating real, but chemically-driven still-lives.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Centre Georges Pompidou, Paris, France

Fonds d'art contemporain de la Ville et du Canton de Genève, Geneva, Switzerland

Musée d'art contemporain de Lyon (macLYON), Lyon, France

Musée d'Art contemporain du Val-de-Marne (MAC VAL), Paris, France

The Israel Museum, Jerusalém, Israel

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

Louvre Lens, Lens, France, 2019

Hayward Gallery, London, UK, 2019

Centre Pompidou, Paris, France, 2019 (group show)

Hicham Berrada, galerie Wentrup, 2019

Abbaye de Maubuisson, Saint-Ouen-l'Aumône, France, 2017

le CENTQUATRE, Paris, France 2016

Hicham Berrada

Celeste, 2019

video colorido/color video

5'55"



© ADAGP Hicham Berrada. Photo. Amandine Bajou. Courtesy the artist and kamel mennour, Paris/London

julio le parc

Nasceu em 1928, Mendoza, Argentina | Vive e trabalha em Paris, França.

Born 1928 in Mendoza, Argentina | Lives and works in Paris, France.

No decorrer de quase seis décadas, Julio Le Parc realizou experiências inovadoras em luz, movimento e cor. Além de ser um expoente da arte ótica e cinética, Le Parc promove uma visão utópica da arte e da sociedade. Como cofundador do Groupe de Recherche d'Art Visuel - G.R.A.V. (Visual Art Research Group, 1960-68), suas pinturas, esculturas e instalações são experiências de percepção que envolvem o público e rompem as fronteiras entre obra de arte e espectador. Le Parc representou a Argentina na 33ª La Biennale di Venezia (1966), na qual ganhou o Prêmio Internacional de Pintura.

Over the course of nearly six decades, Julio Le Parc has performed groundbreaking experiments in light, movement, and color. Beyond being a Kinetic and Op artist, Le Parc promotes a utopian vision for art and society. A cofounder of the Groupe de Recherche d'Art Visuel - G.R.A.V. (Visual Art Research Group, 1960-68), Le Parc's paintings, sculptures, and installations are experiments of perception that immerse the audience and break down the boundaries between artwork and viewer. Le Parc represented Argentina at the 33rd Biennale di Venezia (1966), where he won the International Painting Prize.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO), Miami/FL, USA

Daros Latinamerica Collection, Zurich, Switzerland

Tate Gallery, London, UK

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

The Metropolitan Museum of Art (The Met Breuer), New York/NY, USA, 2018

Palais d'Iena, Paris, France, 2018

Sesc Pinheiros, São Paulo/SP, Brazil, 2018

Centro Cultural Banco do Brasil - Rio de Janeiro (CCBB-RJ), Rio de Janeiro/RJ, Brazil, 2018

Garage Museum of Contemporary Art, Moscow, Russia, 2017

Julio Le Parc

Sphère Miroir Noir, 2018

plexiglass, cabo de aço, fio de nylon e madeira /plexiglass, steel cable, nylon and wood

198 x 153 x 153 cm/78 x 60.2 x 60.2 in





Latifa echakhch

Nasceu em 1974, El Khnansa, Marrocos | Vive e trabalha em Paris, França e Martigny, Suíça.
Born in 1974 in El Khnansa, Morocco | Lives and works in Paris, France, and in Martigny, Switzerland.

Latifa Echakhch nasceu no Marrocos e foi criada na França, onde descobriu e interessou-se pelos estereótipos culturais profundamente arraigados existentes no país. Latifa desconstrói e reinterpreta materiais associados ao Marrocos e à França, criando instalações que contestam pressuposições e denunciam o preconceito e o racismo nelas contido. Em *Untitled (Gunpowder)*, de 2008, a artista criou um contorno negro lançando chá de pólvora sobre uma parede, aludindo a um só tempo à guerra e à popularidade da bebida no Marrocos. Latifa reúne objetos com conotações culturais ou históricas para debater, e muito frequentemente criticar, a persistente alienação dos norte-africanos na França.

Latifa Echakhch was born in Morocco and raised in France, where she discovered and became interested in the deep-rooted cultural stereotypes that pervade in the country. By deconstructing and re-presenting materials associated with Morocco and France, Echakhch creates installations that challenge assumptions and denounce the prejudice and racism that lie within them. Notably, in 2008, she made a work named *Untitled (Gunpowder)* where she created a black border by throwing gunpowder tea at a wall, simultaneously evoking war and the popularity of tea in Morocco. Latifa combines objects with cultural or historical connotations creating a commentary, and most often a critique, of enduring alienation of North Africans in France.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Musée National d'Art Moderne – Centre Pompidou, Paris, France
MACBA – Museu d'Art Contemporain, Barcelona, Spain
MoMA, New York, USA
Lacma, Los Angeles, USA

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

Fondazione Memmo, Roma, Italy, 2019
NMNM, Monaco, 2018
Museums Boijmans, Van Beuningen, The Netherlands, 2018
kamel mennour, Paris, France, 2018
Centre Pompidou, Paris, France, 2015

Latifa Echakhch

Fantôme, 2011

espelho Chaty Vallauris e linho velho/Chaty Vallauris mirror and old linen

71 cm Ø/28 in Ø

© Latifa Echakhch. Photo archives kamel mennour. Courtesy the artist and kamel mennour Paris/London



laura vinci

Nasceu em 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha.

Born 1962 in São Paulo, Brazil, where she lives and works.

Laura Vinci é conhecida por sua produção em escultura e instalação de grande porte baseada na pesquisa contínua sobre as relações entre corpo, espaço e efemeridade, o que também está presente em seu trabalho como diretora de arte no teatro. A artista entende o espaço como um organismo complexo, mediador das relações entre os diversos corpos que o compõem, e suscetível à constante passagem do tempo. Suas propostas buscam investigar os processos de movimento ou alteração da matéria, evidenciando a transitoriedade dos elementos que ocupam determinado local e estimulando o público a ter novas percepções sobre o ambiente ao seu redor.

Laura Vinci is recognized for her oeuvre in sculpture and large-scale installation marked by an interest in the connection between body, space, and ephemerality, a theme she also explores in her work as an artistic director in theatrical production. The artist seeks to understand space as a complex organism that mediates the relationship between bodies and that relies on the constant passage of time. Her projects are typically designed to investigate processes of change or movement, as she seeks to bear witness to the transience of matter in space and invite the public to reconsider the environment surrounding them.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Instituto Inhotim de Arte Contemporânea, Brumadinho/MG, Brazil

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo/SP, Brazil

Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo/SP, Brazil

Palazzo delle Papesse, Siena, Italy

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo/SP, Brazil, 2019

Sesc Pinheiros, São Paulo/SP, Brazil, 2018

Farol Santander, São Paulo/SP, Brazil, 2018

Instituto Ling, Porto Alegre/RS, Brazil, 2018

Espaço Cultural Porto Seguro (ECPS), São Paulo/SP, Brazil, 2017

Laura Vinci

Utopia, 2013

caixa de latão niquelado, tubos de cobre e motor

/nickel-plated brass case, copper tubes and motor

15 x 200 x 5 cm/5.9 x 78.7 x 2 in



Estados, 2002, Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, Foto: © Nelson Kon.



liam everett

Nasceu em 1973, Rochester, EUA | Vive e trabalha em São Francisco, EUA.

Born in 1973 in Rochester, New York, USA. | Lives and works in San Francisco, California, USA.

“Pintar, para mim, é um método primitivo de capturar faíscas”.

Liam Everett trabalha com os conceitos de limite, resto e angústia. Suas obras existem enquanto sobreviventes ao trabalho do artista; são resultantes da destruição, e não da construção. Everett embranquece, lixa e esfrega suas obras até um ponto de quase ruptura – o material que resiste se torna um vestígio do trabalho passado do artista, e esse vestígio é essencial à obra de Everett. Somente quando ele termina de surrar a superfície é que o trabalho se torna uma obra de arte. Em suas próprias palavras, Everett busca “o ponto de colapso potencial de um material para observar sua natureza/presença física”.

“Painting for me is a primitive method in which to catch sparks.”

Liam Everett works with ideas of thresholds, remains and distress. His works exist as survivors to the artist’s labour, they are the result of destruction rather than construction. Everett bleaches, sands and scrubs his works until they are on the verge of breaking - the withstanding material becomes a trace of the artist’s past labour, and it is its’ vestige that is crucial to Everett’s oeuvre. It is only once he stops battering the surface that the piece becomes an artwork. In his own words, Everett seeks to find “the point of potential collapse with a material in order to observe its physical nature/presence.”

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

The Metropolitan Museum of Art, New York

San Francisco Museum of Modern Art, San Francisco

Berkeley Art Museum and Pacific Film Archive, Berkeley

Fondation Carmignac, Paris

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

kamel mennour, Paris, France, 2019

Collection Carmignac, Porquerolles, 2019 (group show)

San Francisco Museum of Modern Art, CA, USA, 2017 (group show)

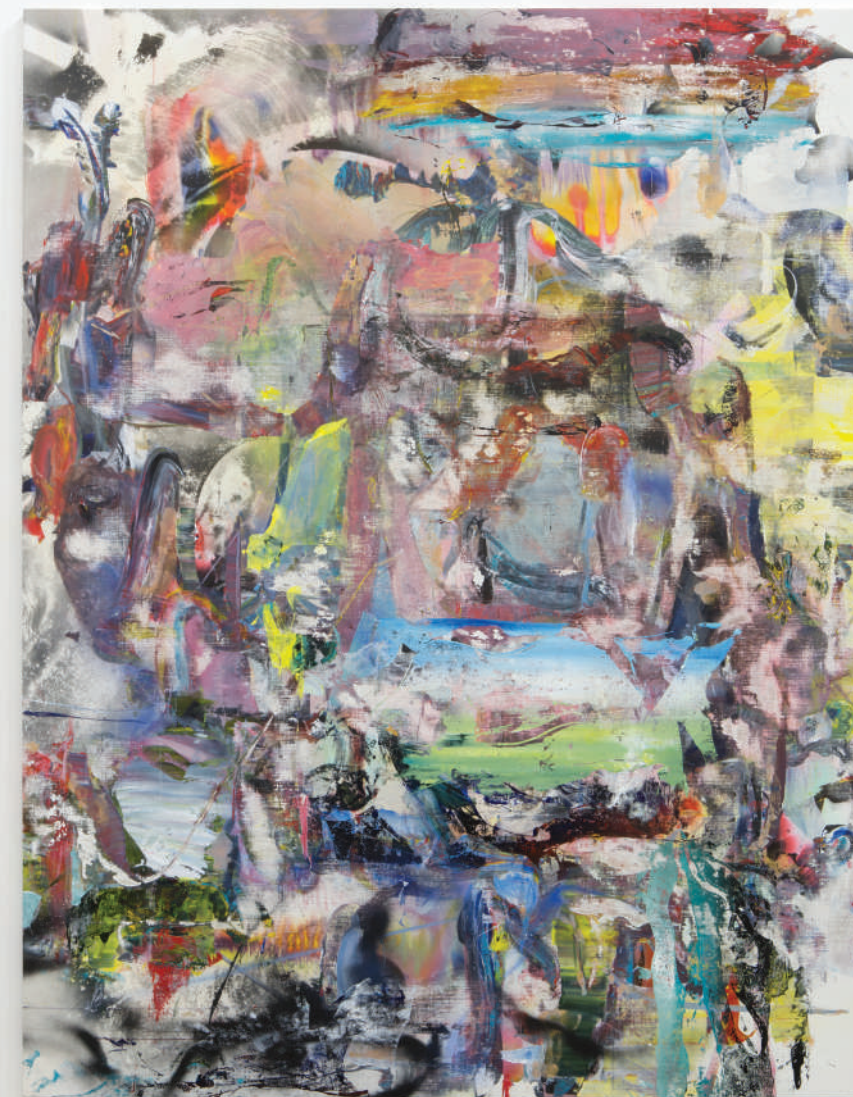
Liam Everett

Sem título/Untitled (by sowing and raising), 2018

tinta óleo, tinta acrílica, sal, álcool sobre linho/oil, acrylic, salt, alcohol on linen

259 x 200,6 cm/102 x 79 in

© Liam Everett. Photo archives kamel mennour. Courtesy the artist and kamel mennour Paris/London



Lucia Koch

Nasceu em 1966, Porto Alegre, Brasil | Vive e trabalha em São Paulo, Brasil.

Born in 1966 in Porto Alegre, Brazil | Lives and works in São Paulo, Brazil.

Lucia Koch investiga questões relativas à luz e espacialidade através de instalações, intervenções, fotografias e vídeos, sempre em profundo diálogo com a arquitetura. Suas obras propõem novas formas de percepção do espaço ao explorar o potencial arquitetônico do local em que se inserem, reorientando a compreensão do público sobre o mundo construído.

Lucia Koch investigates light and spatiality through installations, interventions, photographs, and videos, in dialogue with architecture. Her works propose new ways of perceiving space by exploring the architectural potential of the place in which the viewer is inserted, reorienting their understanding of the built world.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Musée d'art contemporain de Lyon (MAC Lyon), Lyon, France

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brazil

Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo/SP, Brazil, 2019

Sesc Pompeia, São Paulo/SP, Brazil, 2018

Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro/RJ, Brazil, 2018

Open Spaces Kansas City Arts Experience, Kansas/MI, USA, 2018



Lucia Koch

Carta/Letter, 2017

filtros de cor e molduras metálicas/color filters and metal frames

dimensões variáveis/variable dimensions

marco maggi

Nasceu em 1957, Montevideu, Uruguai | Vive e trabalha entre Nova York, USA e Montevideo, Uruguai.

Born 1957 in Montevideo, Uruguay | Lives and works between New York, USA and Montevideo, Uruguay.

A presença do papel e seu caráter intimista são duas constantes no trabalho de Marco Maggi, mesmo em suas instalações em grande dimensão. Maggi estimula seu público, com humor e delicadeza, a diminuir o ritmo cotidiano e observar, prestar atenção e aprofundar-se em suas obras e na vida ao seu redor. Com ênfase na linguagem do desenho, o artista costuma usar lápis grafite e estilete de precisão para fazer traços e incisões minuciosas sobre superfícies de papel e outros suportes, numa crítica sobre o predomínio da tecnologia e o fluxo intenso de estímulos visuais presentes na sociedade contemporânea.

The presence of paper and its intimate character are two constants in the work of Marco Maggi, even in his large installations. Maggi wittily and delicately encourages his audience to slow down, look carefully at his works, and mindfully observe the modern life that surrounds them. Placing a strong emphasis on the language of drawing, the artist often relies on graphite pencil and precision knives to make meticulous lines and incisions on paper surfaces and other materials, in critiques of the prevalence of technology and the intense flow of visual stimuli in contemporary society.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Daros Latinamerica Collection, Zurich, Switzerland

Solomon R. Guggenheim Museum, New York/NY, USA

The Museum of Modern Art (MoMA), New York/NY, USA

Whitney Museum of American Art, New York/NY, USA

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo/SP, Brazil, 2018

Centro Cultural Banco do Brasil - Rio de Janeiro (CCBB-RJ), Rio de Janeiro/RJ, Brazil, 2018

Museo de Arte Contemporáneo de Buenos Aires (MACBA), Buenos Aires, Argentina, 2018

Nasher Sculpture Center, Dallas/TX, USA, 2017-18

Marco Maggi

U (grid alphabet), 2019

quatrocentos papéis de 35mm dentro de slide /cut and fold on four hundred 35 mm papers inside slide mounts

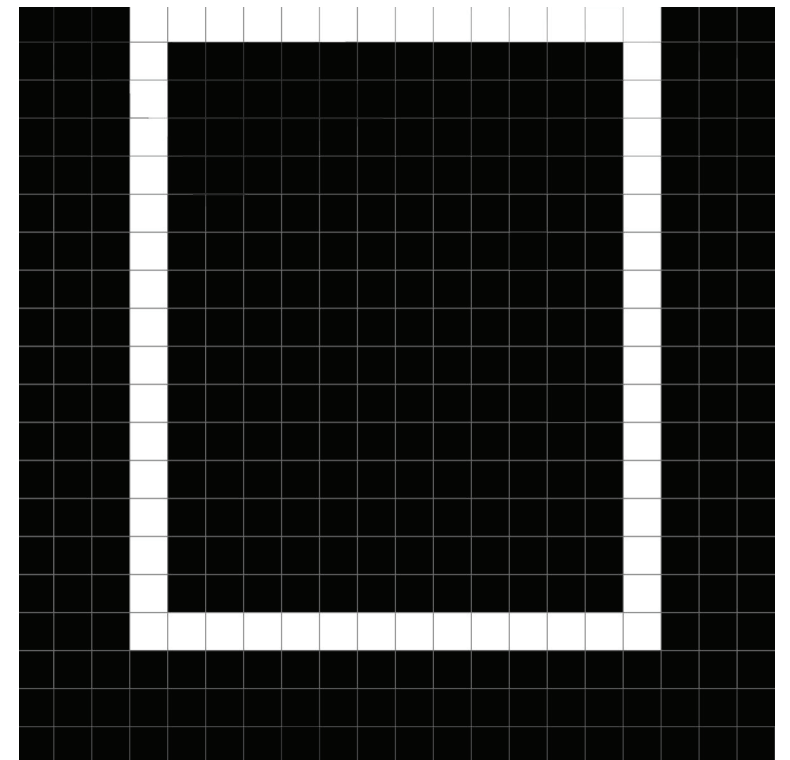
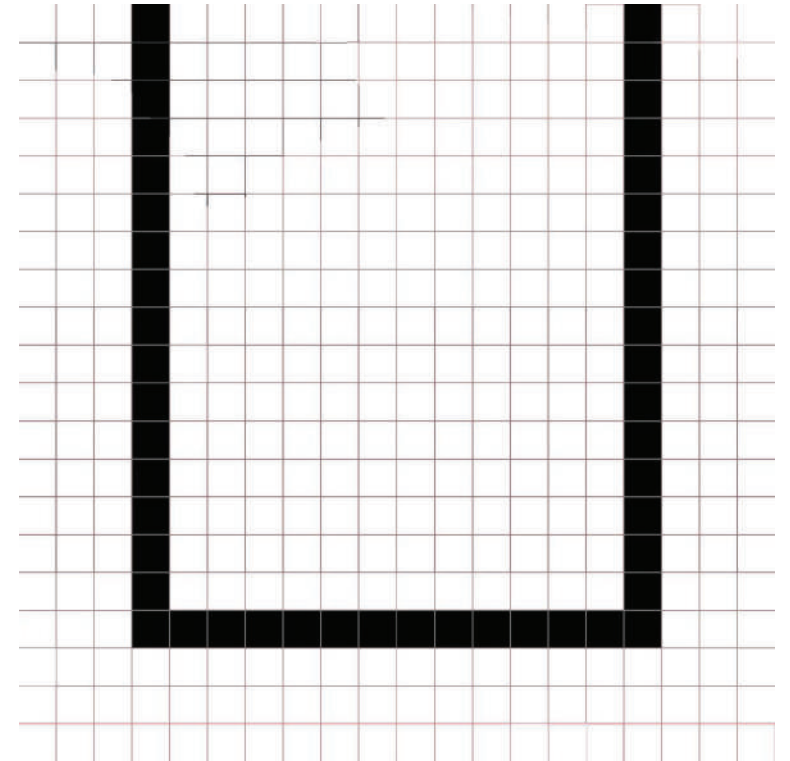
101,6 x 101,6 cm/40 x 40 in

Marco Maggi

O (grid alphabet), 2019

quatrocentos papéis de 35mm dentro de slide /cut and fold on four hundred 35 mm papers inside slide mounts

101,6 x 101,6 cm/40 x 40 in



marie bovo

Nasceu em 1967 em Alicante, Espanha | Vive e trabalha em Marselha, França.
Born in 1967 in Alicante, Spain. Lives and works in Marseille, France.

Marie Bovo valoriza o sentido de vazio e austeridade em suas imagens, que passam por um processo de mínima intervenção, apagando, sempre que possível, os vestígios de sua autoria. Ao documentar locais específicos em sequência e por longos períodos de tempo, o próprio tempo torna-se o tema central. Utilizando principalmente a luz, as imagens transmitem a sensação evocada por cada momento, preservando com delicadeza suas características intrínsecas. Ainda que evoquem uma sensação de imutabilidade, as fotografias registram as mudanças que ocorrem em um determinado lugar com o passar do tempo e, juntas revelam o contraste entre a natureza estática da fotografia e a constante mutação do objeto fotografado.

Marie Bovo's values the sense of bareness and austerity in her photos, which adhere to a process of minimal intervention, erasing the trace of authorship as much as possible. As she records specific places in sequences, over long periods of time, time itself becomes the overriding subject matter. Using mostly light, she conveys the sensation that every moment in time evokes, carefully preserving its intrinsic characteristics. While the photographs evoke a sense of immutability, they inherently record the changes that happen over time within a same place. Together, the images unveil the contrast between the freezing nature of the medium and the ever-changing subject being photographed.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

fnac

Maison Européenne de la photographie, Paris, France

Le Grand Hornu, Boussu, Belgium

FRAC, Marseille, France

Les Collections de Saint-Cyprien, France

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

J1, Marseille, France, 2018

kamel mennour, Paris, 2018

OSL contemporary, Oslo, Norway, 2017

Triennale di Milano, Milan, Italy, 2014

Fondation Hermès, Paris, France, 2014

Marie Bovo

Cour intérieure, 19 février 2009, 2009

c-print digital sobre alumínio /digital C-print mounted on aluminum

152 x 120 cm/59.8 x 47.2 in

© Marie Bovo. Courtesy the artist and kamel mennour, Paris/London



mohamed bourouissa

Nasceu em 1978 em Blida, Argélia | Vive e trabalha em Paris, França.

Born in 1978 in Blida, Algeria | Lives and works in Paris.

Mohamed Bourouissa é hoje um dos maiores expoentes de sua geração, com uma prática que aborda algumas das principais questões socioeconômicas da atualidade. Suas obras são registros crus de ambientes urbanos contemporâneos, denunciando a luta e a marginalização que oprimem as comunidades desses locais. Em 2014, Bourouissa decide discutir o estereótipo do caubói – sempre branco, rude e forte –, e organiza o que chamou de 'Dia do Cavalo', quando produz fotos e vídeos de cavaleiros afro-americanos em seus cavalos, possibilitando assim que transcendam suas situações econômicas.

Mohamed Bourouissa has now become one of the major figures of his generation with a practice that speaks to some of today's most prevalent socio-economic issues. His oeuvre documents raw contemporary urban environments while denouncing the struggle and marginalization that oppress its' communities. In 2014, Bourouissa decided to tackle the stereotype of the cowboy - always white, rugged and strong. He organised what he called 'Horse Day' and produced photographs and films showing African-American riders and their horses, which allowed them to transcend their economic circumstances.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Fondation Louis Vuitton, Paris, France

Musée d'Art moderne de la Ville de Paris, France

Stedelijk museum, Amsterdam, The Netherlands

Pinault Collection, Paris, France

LACMA, Los Angeles, USA

Philadelphia Museum of Art, Philadelphia, USA

Centre Pompidou, Paris, France

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

kamel mennour, London, UK, 2018

Musée d'art moderne de la ville de Paris, France, 2018

Studio 13/16, Centre Pompidou, Paris, France, 2018

Hicham Berrada

Foot Locker, 2013

c-print digital/digital C print

141 x 94 cm/55.5 x 37 in

© ADAGP Mohamed Bourouissa. Courtesy the artist and kamel mennour Paris/London



not vital

Nasceu em 1948, Sent, Suíça | Vive e trabalha entre Sent, Pequim e Rio de Janeiro.

Born 1948 in Sent, Switzerland | Lives and works between Sent, Beijing and Rio de Janeiro.

O trabalho de Not Vital é caracterizado pelo contato intenso com a natureza e um estilo de vida nômade. Sua produção normalmente provoca percepções inusitadas de estranhamento ou surpresa ao deslocar para o contexto artístico formas próprias da natureza ou elementos característicos de regiões remotas do mundo. O trabalho em escultura do artista implica na criação de espaços em colaboração com artesãos locais, uma prática que não só dilui a fronteira entre arte e arquitetura, mas também estabelece um estreito vínculo com a cultura local. Vital também desenvolve desenhos e pinturas que dialogam com os temas de seus projetos escultóricos. Desde 2000, o artista atua em projetos filantrópicos que resultaram em construções permanentes em países como Níger, Chile e Brasil.

Not Vital's body of work is characterized by intense contact with nature and a nomadic lifestyle. His artwork presents unusual insight in its incorporation of natural elements typically found in remote regions of the world. The artist's sculpture work entails the creation of spaces in collaboration with local craftsmen, a practice that not only dilutes the boundary between art and architecture, but also establishes a close tie with local culture. The artist also develops drawings and paintings that dialogue with the subjects of his sculptural projects. Since 2000, Vital engaged in philanthropic projects that resulted in permanent constructions in countries such as Niger, Chile and Brazil. Recently, a retrospective exhibition of Vital's oeuvre was presented at the Yorkshire Sculpture Park, Wakefield (2016-17).

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

Museum of Fine Arts (MFA), Boston, USA

Philadelphia Museum of Art, USA

Solomon R. Guggenheim Museum, New York, USA

The Museum of Modern Art (MoMA), New York, USA

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

Ateneum Art Museum, Finnish National Gallery, Helsinki, Finland, 2018

Kunstmuseum Basel, Switzerland, 2018

Bündner Kunstmuseum Chur, Switzerland, 2017

Schauwerk Sindelfingen, Germany, 2016-17

Yorkshire Sculpture Park, Wakefield, UK, 2016-17

Not Vital

Head 2, 2013

aço inox revestido em PVD/stainless steel with PVD coating

145 x 110 x 100 cm/57.1 x 43.3 x 39.4 in



paulo bruscky

Nasceu em 1949, Recife, Brasil, onde vive e trabalha.

Born in 1949 in Recife, Brazil, where he lives and works.

Paulo Bruscky é um dos expoentes da arte conceitual no Brasil, com trabalhos que combinam arte, tecnologia e comunicação. Sua prática artística, baseada na ideia de arte como informação, é marcada pelo experimentalismo constante, resultando em um corpo de obras plural, composto por poesias visuais, livros de artista, performances, intervenções urbanas, filmes em Super-8 e obras em novas mídias. A produção de Bruscky é também caracterizada pelo conteúdo de contestação social e política, resultado da postura crítica e militante do artista, cujo princípio da carreira coincide com a ascensão de governos militares e o consequente estabelecimento de severos regimes ditatoriais em diversos países latino-americanos, incluindo o Brasil.

Paulo Bruscky is among the key exponents of conceptual art in Brazil, creating works that intertwine art, technology and communication. His artistic practice, based on the idea of art as information, is marked by constant experimentation, resulting in a multi-faceted body of work, comprising visual poetry, artist's books, performances, urban interventions, Super-8 films and works in new media. Bruscky's oeuvre is also characterized by social and political activism, a result of the critical and militant stance of the artist, whose early career coincides with the rise of repressive military governments in many Latin American countries, including Brazil.

seleção de coleções permanentes/a selection of permanent collections

fnac

Maison Européenne de la photographie, Paris, France

Le Grand Hornu, Boussu, Belgium

FRAC, Marseille, France

Les Collections de Saint-Cyprien, France

seleção de exposições recentes/a selection of recent shows

J1, Marseille, France, 2018

kamel mennour, Paris, 2018

OSL contemporary, Oslo, Norway, 2017

Triennale di Milano, Milan, Italy, 2014

Fondation Hermès, Paris, France, 2014

Paulo Bruscky

Reflection I, 1982

filme super 8 transferido para digital; cor/ Super 8mm film on video

02'15"



tatiana trouvé

Nasceu em 1968, Cosenza, Itália | Vive e trabalha em Paris, França.

Born in 1968 in Cosenza, Italy | Live and work in Paris, France.

Tatiana Trouvé trabalha intimamente com a memória, as expectativas e a fisicalidade – mais especificamente, procura emprestar novas fun es e lógicas aos objetos, questionando nossas associa es e experiências comuns. Trouvé cria espaços que envolvem o espectador, dando pistas e conduzindo a um processo de descoberta que faz dele protagonista na realiza o da obra. Aliando as experiências corporal e cognitiva a uma sensa o de deslocamento, a artista cria um espaço tempor rio de n o-familiaridade, de confus o, que alerta nossa mente e nos lan a num espaço de criatividade e imagina o.

Tatiana Trouvé's oeuvre works very closely with memory, expectations and physicality - more specifically, she is interested in allocating to objects new roles and logics, that challenge our common associations and experiences. Trouvé creates spaces that engage the viewer, gives them clues and directs through a process of discovery, making them a protagonist in the fulfillment of the work. Combining the bodily and cognitive experience, with a sense of displacement, the artist creates a temporary space of unfamiliarity, of disconcert, that alerts our minds and forces us into a space of creativity and imagination.

sele o de cole es permanentes/a selection of permanent collections

Centre Pompidou, Paris, France

MUDAM, Musée d'Art Moderne Grand-Duc Jean, Luxembourg, Luxembourg

CAPC, Musée d'art contemporain, Bordeaux, France

FRAC Poitou-Charentes, Angoulême, Angoulême, France

sele o de exposi es recentes/a selection of recent shows

Palais de Tokyo, Paris, France, 2017

La Monnaie de Paris, France, 2017

Pinault Foundation Punta della Dogana, Venice, Italy, 2011

São Paulo Biennale, Brazil, 2010

The Hayward Gallery, London, UK, 2010

Biennale di Venezia, Italy, 2003 and 2007

Gina Pane

Sem título/Untitled, 2017

plexiglas, alumínio, bronze patinado e tinta

/plexiglas, aluminum, patinated bronze, paint

140 x 210 x 42 cm/55.1 x 82.7 x 16.5 in



Photo. archives kamel mennour. Courtesy the artist and kamel mennour, Paris/London.

Reflexões sobre espaço e tempo

Aginaldo Farias

Mirror (Pagan Gold / Magenta Apple Mix 2), obra de Anish Kapoor, de 2018, é composta por duas calotas côncavas de aço inox, tecnicamente dois espelhos circulares, cada um com 1 metro de diâmetro, um dourado e o outro vermelho delicadamente puxado para o violeta. A peça é projetada para ser colocada em um canto, cada espelho fica numa parede a pouca distância do outro e suspensos na mesma altura. A simples passagem diante deles provoca um leve sobressalto: ambos espelhos parecem mover-se, não só porque refletem o corpo do visitante em movimento mas porque na razão da velocidade do seu deslocamento e da sua mudança de ponto de vista, o círculo dourado vai entrando progressivamente no violeta, ou o contrário – dependendo se se estiver entrando ou saindo da sala –, um círculo colorido vai invadindo o outro do mesmo modo que a lua vai encobrir o sol durante um eclipse.

É de se prever que mesmo o visitante mais distraído irá se surpreender com o fenômeno destravado pelo seu próprio corpo, mais ainda quando notar que seu próprio reflexo aparecerá invertido, como acontece quando estamos diante de um espelho côncavo. Seu reflexo, o reflexo da sala, de tudo que estiver em sua alça de mira, é claro. Tudo isso encadeado reveste de encantamento a experiência e é comum a desaceleração dos passos, a aproximação dos espelhos, o tempo gasto na divertida confusão propiciada pelos jogos especulares.

Os espelhos têm uma forte presença nesta exposição, não por acaso intitulada **Reflexões sobre espaço e tempo**. Fascinantes e problemáticos, os espelhos vêm sendo tematizados desde sempre, desde mitos recuados como o de Narciso, também presente nesta exposição. Não é para menos. Como os descreveu Jorge Luis Borges em seu poema *Os espelhos* – “Onde acaba e começa, inabitável / Um impossível espaço de reflexos.” De fato, a impossibilidade do espaço produzido pelo espelho reside, para começar, no fato de, não obstante a evidência nítida do nosso reflexo, jamais estaremos do lado de lá da parede. Situação que nos leva a pensar que modalidade de espaço é essa, afinal. E para apresentar com precisão os dados desse problema, a exposição reúne dois dos mestres historicamente responsáveis pela introdução do vidro, com suas transparências e reflexos, com a multiplicação virtual da realidade na arte contemporânea: o norte-americano Dan Graham e o francês Daniel Buren.

Não há lugar para o tempo é simultaneamente o título e a obra de Laura Vinci, uma frase feita por letras metálicas ocas fixadas na parede e congeladas. Um dos trabalhos exemplares no trato dessas duas dimensões intrigantes e entrecruzadas. A frase de Laura é fundada na constatação de que não há propriamente um lugar para o tempo, uma fonte de onde ele jorra. Paradoxalmente, ele está nas coisas e em todos os lugares, sempre compondo com a transformação e a morte, colocando, como escreveu Fernando Pessoa, “umidade nas paredes e cabelos brancos nos homens”.

Indo além, no Livro XI das suas *Confissões*, escrito entre os anos de 397 e 400 dC, Santo Agostinho, indagando sobre o tempo - Onde está ele? O que é ele? oferece-nos sua resposta também paradoxal - “Se ninguém me perguntar, eu sei; porém, se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei.” Uma resposta que, convenhamos, reconhece sua impotência.

Nada se pode dizer sobre o tempo. Nada? Durante muito tempo acreditou-se que a possibilidade da medição do tempo significava conhecê-lo, controlá-lo. Porém, como argumenta Austerlitz, personagem fascinante de W. G. Sebald, – memorialista a ponto de fazer lembrar o personagem de J. L. Borges, Funes, o memorioso mor, um homem tomado pelas recordações a ponto de passar um dia a lembrar de um outro dia e com isso fazer coincidir o passado com o presente. Pois bem, como disse Austerlitz, segundo o testemunho do narrador, “O tempo [...] era de todas as nossas invenções de longe a mais artificial e, por estar vinculada aos planetas que giram em torno do próprio eixo, não menos arbitrário do que seria, digamos, um cálculo baseado no crescimento das árvores, ou na duração necessária para uma pedra calcária se desintegrar...”.

Laura discute o tempo inscrevendo-o num espaço, não porque se trata de uma frase sobre ele mas porque, além disso, enregelou suas letras, fixou-as na parede e, enquanto o compressor estiver ligado, as palavras terão espessura, ficarão inchadas e recobertas por um branco aveludado semelhante ao das plantas adormecidas sobre a neve ou atacadas por fungos. Diversamente do tempo dispendido caso as palavras fossem simplesmente ditas, com a sucessão dos sons de cada letra e sílaba morrendo um em seguida ao outro, transposta num texto congelado, tangível, suspenso na parede, a frase permanece à disposição de ser lida e relida e com duração indefinida.

E o que dizer do inverossímil instrumento de sopro de Alicja Kwade? Sua discussão do tempo leva-a a convocar a música, essa arte temporal. O bocal voltado para cima indica que o sopro que o animará virá do alto, fazendo circular o ar pelos tubos retilíneos até que os sons saiam pelas bocas cônicas. O apuro plástico da peça passa pela metamorfose de sua pele, da sua pátina esverdeada até as campanas reluzentes de cobre, levando-nos a pensar no trânsito do som propagando-se pelo espaço.

As pinturas, fotografias, vídeos, esculturas e instalações, *Reflexões sobre espaço e tempo*,

dedicam-se a demonstrar como os artistas andam pensando essa intrincada relação.

Julio le Parc discute ambos ao nos colocar dentro de sua obra constituída por um sem número de plaquinhas suspensas. Brilhantes e reflexivas, elas transformam a sala pintada de preto num ambiente de luz incessantemente cambiante, um caleidoscópio luminoso em movimento contínuo. Ela, obra, não está na sala, ela é a sala. Sua substância mesma. Um raciocínio aparentado com os pêndulos polidos de Artur Lescher, que parecem fender o espaço que atravessam com seus corpos lineares e verticais enquanto oscilam imperceptivelmente.

Eduardo Navarro espalha nozes de bronze sobre um chão de areia. O interior de uma noz, como já se notou, tem algo da aparência de um cérebro, e o seu cultivo conduz a ideia de que eles possam brotar novamente. Abraham Palatnik, por sua vez, traz o maior de seus *objetos cinéticos*, uma escultura aparentada com a lógica dos sóis, planetas e satélites girando em torno de seus próprios eixos e em torno uns dos outros, lentamente, como o escoar da areia pelo gargalo de uma ampulheta.

Há também os artistas que se valem de um suporte convencional, as pinturas quadrangulares de Liam Everett, Latifa Echakhch, Camille Henrot, Carlito Carvalhosa e Bruno Dunley. Cada um de seus trabalhos são espaços de projeção da nossa subjetividade, campos recobertos por figuras, manchas e borrões e sobre os quais aplicamos nossa persistente busca de sentidos ocultos. Porque é assim mesmo: pinturas, como qualquer obra de arte, estabelecem conosco relações especulares; vamos até elas em busca do nosso prazer, venha ele sob a forma da beleza, perplexidade, horror, nojo, encantamento.

Ainda no capítulo dos trabalhos de formato clássico, destaca-se o trabalho de François Morellet, a pintura sobre uma tela esticada de linho, cujos limites nítidos e regulares são afrontados pelos riscos retos e luminosos de neon que a cruzam em direções desconstruídas. Por meio dele entende-se perfeitamente a estratégia de Claude Lévêque, que afronta e até dissolve a pintura em bordas de neon azuladas, que parecem terem sido feitos por uma mão deliberadamente titubeante, como de uma criança. Lucia Koch e Gina Pane explodem de vez esse formato; contemplar suas obras implica num vaivém, ao afastamento inicial segue-se a aproximação para vista em detalhes. Perceber, no caso da obra de Lucia, as pequenas estruturas metálicas retangulares que trazem estampadas películas coloridas, o modo como elas, projetadas alguns centímetros para fora da parede onde estão fixadas, lançam-lhe sombras pintadas. Quanto a Gina, os olhos sobem e descem pelos tubos cilíndricos, parando nos signos e imagens fotográficas que se organizam alternadamente. Esse mesmo tipo de contemplação dá-se com as duas peças de Marco Maggi, o que de longe parece ser duas pinturas quadradas preto e branca, de perto, revela-se um campo povoado por topografias infinitesimais, no total 400 papéis recortados dentro de magazines plásticos de slides para filmes de 35 mm.

Marie Bovo, Paulo Bruscky, Hicham Berrada e Mohamed Bourouissa trazem as cidades e as paisagens para dentro da exposição, o tempo e espaço urbanos repletos de situações contraditórias, contrastes sociais, desejos e fantasias, invadem os recintos impecáveis e protegidos da galeria como a lembrar que a arte vive sob risco e também alimenta-se dele.

As peças de Tatiana Trouvé e Not Vital situam-se em dois extremos, dois polos ao longo do qual a mostra se organiza. A cabeça reluzente e solitária de Not é uma escultura que em lugar de interromper o espaço parece sorvê-lo, acontecimento homólogo ao nosso esforço em impedir que o mundo escoe para dentro de nós. Quanto a Tatiana, a mesma chapa transparente encostada na parede que nos reflete, prensa nossos sapatos colocando-nos nas pontas dos pés, como se ficássemos surpreendidos pela constatação de que os verdadeiros protagonistas dessa obra fossemos nós mesmos.

Agnaldo Farias é professor doutor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP), crítico de arte e curador. Atualmente, é membro do comitê curatorial do Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba. Foi curador da 11ª Bienal de Cuenca, Equador (2011), e cocurador geral da 29ª Bienal de São Paulo (2010).

Reflections on space and time

Agnaldo Farias

Mirror (Pagan Gold / Magenta Apple Mix 2), by Anish Kapoor, from 2018, is composed of two concave stainless steel caps, which are technically two circular mirrors, each one measuring one meter in diameter, one of them in gold, and the other in a delicately violet-hued red. The piece is designed to be placed in a corner, each mirror on a wall at a short distance from the other and hanging at the same height. Simply walking by them causes a slight jolt: both mirrors seem to move, not only because they reflect the body of the moving spectator, but also by virtue of the speed of their displacement and shift in their point of view. The golden circle is increasingly turning to violet, or the opposite – depending on whether one is walking into or out of the room – one colored circle invades the other the same way the moon shades the sun during an eclipse.

We can predict that even the most inattentive visitor will be surprised by the phenomenon triggered by his own body, even more so when he notices that their own reflection will appear inverted, as it does when we are in front of a concave mirror. The reflection of the room and, of course, of everything within sight. Linked together, this gives the experience an enchantment and typically makes for the slowing of the steps, going closer to the mirrors, spending time in the amusing confusion provided by the interplay of mirrors.

Mirrors have a strong presence in this exhibition, titled *Reflections on space and time*, not by chance. Fascinating and problematic, mirrors have been forever taken as a subject matter, with ancient myths such as Narcissus, which also features in this exhibition. But this is not surprising. As Jorge Luis Borges has described them in his poem *Mirrors* - “Where it ends and begins, inhabitable / an impossible space of reflections.” Indeed, the impossibility of the space produced by the mirror lies, to begin with, in the fact that, in spite of the sharp evidence of our reflection, we will never be on the side beyond the wall. Such situation leads us to think about what kind of space this is, after all. In order to precisely show this problem’s content, the exhibition brings together two masters historically responsible for introducing glass, with its transparency and reflection, with the virtual multiplication of reality in contemporary art: Dan Graham, from North America and the Daniel Buren, from France.

Não há lugar para o tempo [There is no place for time] is simultaneously the title and the

artwork by Laura Vinci, a phrase made of hollow metal letters fixed to the wall and frozen. An exemplary work which addresses these two intriguing and intertwined dimensions, Vinci’s phrase is grounded on the realization that there is not a proper place for time, or a source from which it springs. Paradoxically, it lies on things, it lies everywhere, always in dialogue with transformation and death, and adding, as Fernando Pessoa wrote, “moisture to the walls and white hair to men.”

Going further, in Book XI of his *Confessions*, written between the years 397 and 400 AD, St. Augustine, when inquiring about time – Where is it? What is it? – offers us his paradoxical answer: “If no one asks me, I know; but if I want to explain it to whoever asks me the question, I do not know anymore.” We need to convene that this answer acknowledges its impotence.

Nothing can be said about time. Nothing? For a long time it was believed that the possibility of measuring time meant knowing it, controlling it. But as W. G. Sebald’s, the fascinating character Austerlitz – that remind us Funes, Borges’ character, the great memorable man, a man taken by memories to the point of spending a day to remember another day and thereby making the past match the present. Very well. Then, as Austerlitz argues, according to the narrator’s testimony, “Time [...] of all our inventions, was by far the most artificial one and, by being bound to planets that revolve around their own axis, no less arbitrary than would be say, a calculation based on the growth of the trees, or the necessary duration for a limestone to disintegrate...”

Laura discusses time by inscribing it in space, not because it is embedded in a phrase, but because she has also frozen its letters, and fixed them on the wall. As long as the compressor is on, the words will have thickness, they will become swollen and covered by a velvety white similar to that of plants sleeping over the snow or attacked by fungi. Unlike the time spent if words were simply to be said, with the succession of the sounds of each letter and syllable, dying one after the other, when transposed into a frozen, tangible text hanging on the wall, the sentence remains at one’s disposal to be read again and again and with indefinite duration.

What about Alicja Kwade’s unlikely wind instrument? Her discussion of time leads her to summon music, this temporal art. The mouthpiece facing up suggests that the breath that will animate it will come from above circulating the air through the straight tubes until the sounds come out through the conical mouths. The piece’s plastic refinement goes through the metamorphosis of its skin, from the green patina until the shiny copper horns, leading us to think about the paths of sound propagating through space.

Paintings, photographs, videos, sculptures and installations: **Reflections on space and time** aims at showing how artists have been contemplating this intricate relationship.

Julio Le Parc discusses both instances taking us into his work, which consists of several hanging plates. Small, shiny and reflective, they turn the black-painted room into an atmosphere of ceaselessly shifting light, into a luminous kaleidoscope in continuous motion. The work itself is not in the room, it is the room. It is its very substance. A rationale akin to Artur Lescher's polished pendulums, which seem to tear the space they transverse with their linear and vertical bodies as they imperceptibly oscillate.

Eduardo Navarro spreads bronze nuts over a sand ground. The interior of a walnut, as it has been commonly noticed, looks something like a brain, and its cultivation suggests that they can sprout again. In turn, Abraham Palatnik, brings the greatest of his kinetic reliefs, a sculpture akin to the logic of suns, planets, and satellites, slowly spinning around their own axes and around each other, like sand flowing through the hourglass.

Also present are the artists who rely on conventional media, such as the quadrangular paintings by Liam Everett, Latifa Echakhch, Camille Henrot, Carlito Carvalhosa and Bruno Dunley. Each of their works are spaces to project our subjectivity, fields covered by shapes, streaks and daubs and on which we apply our persistent search for hidden meanings. That's the way it is: paintings, like any work of art, establish specular relations with ourselves; we seek pleasure in them in search of our pleasure, whether it comes in the form of beauty, perplexity, horror, disgust or astonishment.

Still in the chapter of classic format works, we highlight François Morellet's work, a painting on a stretched linen canvas, where clear and regular limits are threatened by the straight and luminous neon lines that cross the surface in disjointed directions. Through this work, the strategy behind Claude Lévêque's painting can be perfectly understood, confronting and even dissolving the painting in bluish neon borders, which seem to have been made by a deliberately hesitant hand, like a child's hand. Lucia Koch and Gina Pane explode that format for good; contemplating their works implies a seesaw motion: the initial drawback is followed by drawing nearer for a detailed view. In the case of Lucia's work, to notice the small rectangular metal structures that bear colored filters stamped in them, seeing they are projected a few centimeters out of the wall casting colored shadows on it. As for Gina, the eye goes up and down the cylindrical tubes, stopping at the signs and photographic images that are alternately organized. The same kind of contemplation takes place on two pieces by Marco Maggi: what appears to be two square black-and-white paintings at a distance, at a close look reveals itself as a field populated by infinitesimal topographies, totaling 400 pieces of cut out paper inside 35 mm plastic slide magazines.

Marie Bovo, Paulo Bruscky, Hicham Berrada and Mohamed Bourouissa bring cities and landscapes to the exhibition; urban time and space, full of contradictory situations, social contrasts, desires and fantasies, invade the clean and protected precincts of the gallery as if to remind us that art lives under risk and feeds on it as well.

The pieces by Tatiana Trouvé and Not Vital have been placed at two extremes, two poles along which the show is organized. Not's glistening, solitary head is a sculpture that instead of interrupting space, seems to absorb it, an event homologous to our effort to prevent the world from flowing into us. As for Tatiana, the same transparent plate leaning against the wall that reflects ourselves, presses our shoes and puts ourselves on the tip of our toes, as if we were taken by surprise by the realization that the true protagonists of this work is ourselves.

Agnaldo Farias is an art critic and curator. He holds a Ph.D. and is a professor at Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP). He currently sits as a member of the Curatorial Committee of Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba, Brazil. He curated the 11th Cuenca Biennial, Ecuador (2011) and cocurated the 29th Bienal de São Paulo (2010).

roesler hotel#29

reflexões sobre espaço e tempo

reflections on space and time

galeria nara roesler

abertura/opening

1 de abril, 2019 | 19h

april 1st, 2019 | 7pm

exposição/exhibition

02 de abril – 11 de maio, 2019

april 2nd – may 11, 2019

seg-sex, 10am-7pm/mon-fri, 10am-7pm

sáb, 11am-3pm/sat, 11am-3pm

galeria nara roesler | são paulo

avenida europa 655

jardim europa, são paulo sp

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art

são paulo

avenida europa 655

jardim europa 01449-001

são paulo sp brasil

t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241

ipanema 22421-030

rio de janeiro rj brasil

t 55 (21) 3591 0052

new york

22 east 69th street 3r

new york ny 10021 usa

t 1 (646) 678 3405